

CINEMA

# Seu olhar no meu olhar

Mostra 'Faróis do cinema' reúne documentaristas, que passam seus filmes, exibindo ainda obras que os influenciaram e conversando com a plateia a respeito do olhar cinematográfico sobre a realidade. Está na Caixa Cultural e no Oi Futuro



**HÉRCULES 56** – De Sílvio Da-Rin, que, por sua vez, indicou um filme russo, de 1929, para a mostra

Foto de divulgação

## OUTROS DESTAQUES

### Hiroshima, meu amor

De Alain Resnais, França/Japão, 1959. Jovem francesa participa de um filme sobre a paz, em Hiroshima, e passa a noite com um arquiteto japonês, que a faz lembrar-se de seu primeiro namorado, um soldado alemão, durante a Segunda Guerra. Inspirou cineastas como Vladimir Carvalho e Jorge Bodanzky.

### Faces

De John Cassavetes, Estados Unidos, 1968. A desintegração de um casamento filmada em 16 milímetros, em preto e branco, com alto contraste. O filme segue as fúteis tentativas de um casal de escapar da angústia. Visto como um dos maiores momentos do cinema independente americano. Filme que inspirou Eduardo Coutinho.

### Cabra marcado para morrer

De Eduardo Coutinho, Brasil, 1981. No início da década de 1960, o líder camponês João Pedro Teixeira é assassinado por ordem de latifundiários de Pernambuco. As filmagens de sua vida, interpretada pelos próprios camponeses, foram interrompidas pelo Golpe de 1964. Dezesete anos depois, o diretor retomaria o projeto, procurando a viúva, Elizabeth, e seus filhos. Filme citado como inspiração pelos seguintes cineastas participantes da mostra: Vladimir Carvalho, Manfredo Caldas, Fabiano Maciel, Marcos de Souza Mendes, Sérgio Muniz, Tetê Moraes, Jean-Claude Bernardet e Thereza Jessouroun.

### Iracema: uma transa amazônica

De Jorge Bodanzky e Orlando Senna, Brasil, 1974. Em contraste com a megalômana propaganda oficial da ditadura, uma câmera sensível revelava os problemas que a estrada Transamazônica traria para a região: desmatamento, queimadas, trabalho escravo, prostituição infantil. Numa mescla de documentário e ficção, o filme narra o encontro da jovem Iracema com o caminhoneiro Tião Brasil Grande. Proibido pela censura durante seis anos, ganhou prêmios lá fora e, em 1980, quando liberado, venceu o Festival de Brasília. Indicado como referência e inspiração por diretores como Eryk Rocha, Aurélio Michiles, Carlos Nader, Cezar Migliorin e Fabiano Maciel.

Lula Branco Martins

**É** como se Chico Buarque pusesse na vitrola um velho disco de Noel e puxasse um papo com você sobre samba. Como se Gerald Thomas lesse, para uma ávida audiência, uma peça de Samuel Beckett. Como Gugu falando de Silvio Santos. Glória Perez, de Janete Clair. Só que tudo isso transportado para o gênero do cinedocumentário. Entrou em cartaz esta semana a mostra *Faróis do cinema*, em que cineastas exibem os filmes que os inspiraram

em sua trajetória. O evento ocupa as salas da Caixa Cultural, no Centro, e do Oi Futuro, em Ipanema.

Diretores como Eduardo Coutinho, Sandra Werneck, Sylvio Back e Eryk Rocha participam da mostra. Sempre em dupla, vêm se encontrando com o público, lançando luzes sobre a linguagem do cinema e sobre o universo particular dos documentários. Informalmente (sempre na Caixa), conversam com a plateia sobre sua própria obra e sobre aquelas que consideram fundamentais em sua formação. Falam de si e de seus ídolos. O preço é mais um convite ao público: R\$ 4, a inteira; R\$ 2, a meia.

O curador de *Faróis do cinema* é Carlos Alberto Mattos, jornalista, pesquisador e crítico de cinema. Já escreveu no *Jornal do Brasil* e em veículos como *O Dia*, *O Globo*, *O Pasquim* e na *Tribuna da Imprensa*.

A mostra vai até o dia 19, sempre alternando debates e exhibições. Hoje, por exemplo, há dois Sílvios no roteiro. Primeiramente, Sylvio Back, ali presente, passará o seu *Yndio do Brasil* (de 1995), homenageando o americano Peter Davis, diretor do clássico *Corações e mentes* (de 1974), filme — ganhador de Oscar — em que pela primeira vez deu-se voz aos

vietnamitas sobreviventes da guerra contra os Estados Unidos; e Sílvio Da-Rin, que também debaterá após as sessões, exibirá *Hércules 56* (documentário de 2006, em que Da-Rin fala dos presos políticos trocados, em 1969, pela liberdade do embaixador americano no Brasil — Hércules é o nome do avião que os levou para o México) e vai prestar um tributo ao cineasta russo Dziga Vertov, de quem será exibido *O homem com a câmera*, filme tido como “documentário reflexivo”, um dos maiores exemplos do gênero chamado de “cinema olho”, realizado ainda nos anos 20.

Mattos fala de surpresas na lista de inspirados-inspiradores:

— Ninguém esperava, por exemplo, que o Coutinho, além de *Faces*, citasse o faroeste *Rio Bravo*, de Howard Hawks, entre os filmes que lhe serviram de inspiração. Nem que o puríssimo documentarista Vladimir Carvalho mencionasse uma ficção tão assumida como *Hiroshima, meu amor*, do Resnais. De modo inverso, era mesmo previsível que Da-Rin escolhesse *O homem com a câmera*. Basta ler *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*, lançado pelo Da-Rin em 2004, para entender a escolha.

Programação completa no endereço [www.faroisdocinema.com.br](http://www.faroisdocinema.com.br).